

Ravel Giordano Paz. *Serenidade e fúria: o sublime assismachadiano*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2009.

Considerando-se que o campo recepcional da obra de Machado de Assis é o mais amplo da literatura brasileira, a fortuna crítica sobre a poesia do autor ainda deixa a desejar, se comparada àquela dedicada à sua ficção. Nas estantes da volumosa biblioteca dedicada ao romancista Machado de Assis, permanece a demanda de um empenho crítico renovado sobre o legado do poeta. Nesse sentido, o livro *Serenidade e fúria: o sublime assismachadiano*, de Ravel Giordano Paz, chegou em boa hora. Com essa obra, escrita inicialmente como tese de doutorado, na Universidade de São Paulo, o autor renova a recepção crítica da poesia assismachadiana.

Incomodado com a pouca atenção dedicada à obra de juventude de Machado, vinculada ao Romantismo, Ravel Paz vai na contramão do tratamento comumente dispensado pela crítica e dedica-se a resgatar o diálogo vivo do escritor carioca com o Romantismo, sob o prisma de um conceito preeminente na estética romântica: *o sublime*.

Paz parte de uma problemática machadiana e brasileira para discutir com o romantismo europeu – em especial o alemão. O ponto crítico do trabalho é a hipótese de que a arte de Machado de Assis é mais fiel ao sublime romântico do que o próprio romantismo pôde ser, tratando-se, aqui, de uma fidelidade sentimental e livre (libertária), na medida em que o escritor carioca mobiliza o sublime em sua instabilidade constitutiva.

Na sequência das partes, *Serenidade e fúria* não demarca territórios e fronteiras. O livre trânsito por conceitos oriundos de diferentes tendências teóricas dos estudos literários, da filosofia e da psicanálise – dialética, ideologia, pulsão, fenomenologia, desconstrução; justificados pelo autor em sua nota prévia, poderiam ser melhor aproveitados. A reflexão ganharia ainda mais consistência se recorresse às principais fontes desses conceitos: Hegel, Marx, Nietzsche/Freud, Husserl e Derrida.

O primeiro capítulo do livro apresenta o conceito de sublime em suas várias nuances e momentos, num sobrevoo partindo de Longino e Edmund Burke, passando pelo Romantismo europeu e chegando ao Classicismo e ao Idealismo alemães, num percurso que inclui autores como Immanuel Kant, Victor Hugo, Goethe, Friedrich Schlegel, Schiller, Fichte e Hegel. Tendo em vista o aproveitamento que Machado de Assis faz do conceito, Ravel Paz mostra que o sublime machadiano se configura como herança e problematização do idealismo romântico dos filósofos e escritores europeus.

Paz assegura que a ironia machadiana, presente do início ao fim do livro, não pode ser compreendida em todo o seu alcance e duplicidade dissociada da ironia romântica, que constituiria uma assunção da consciência e da práxis do artista a uma condição similar à da natureza, com sua simultânea participação nos processos que cria e sobrelevação em relação a eles.

O segundo capítulo aborda “A morte, as musas e outros numes”, sob o foco das fisionomias machadianas. O autor mostra as limitações da tradição crítica que vê nos aspectos românticos da obra do jovem escritor um entrave ao pleno amadurecimento em direção ao realismo ou à liberdade formal.

Suspeitando dos motivos que levaram a fortuna crítica a menosprezar a lírica assismachadiana, Paz desenvolve o segundo capítulo de *Serenidade e Fúria* sob uma perspectiva comparatista, interpretando uma série de poemas publicados pelo escritor carioca em livros e periódicos. Em um estudo mais interpretativo do que analítico, ele apresenta uma fisionomia da poesia machadiana, passeando também pelo drama e a narrativa.

Em uma cotação dos sublimes, Paz redimensiona a importância do “classicismo romântico” ou “romantismo classicista” de Antônio Feliciano Castilho na formação do Machadinho, indicando a importância da própria interrelação classicismo/romantismo. No desenvolvimento do capítulo o autor interpreta poemas escritos por Machado em suas diversas fases, desde o incipiente “A Palmeira”, de 1855, até as *Poesias Completas*, de 1901.

O capítulo 3 pensa a *impureza* do “romantismo” dos primeiros romances de Machado de Assis, a fim de mostrar de que modo o moralismo cristão presente na narrativa do jovem escritor se aproxima da sensibilidade romântica. No decorrer da análise, Paz passeia pela prosa e pela poesia, apontando como a intersecção de determinados elementos permite compreender a afirmação do olhar crítico-analítico dos textos machadianos da maturidade de forma indissociável dos traços românticos das primeiras obras. No desfecho do capítulo, o ponto alto é

uma arguta análise da crueldade irônica e da morte nos romances da maturidade de Machado de Assis.

A autoconsciência irônica de Machado implicaria a desestabilização permanente das posições enunciativas como lugares absolutos, a ponto, como propõe Paz, do próprio princípio da alteridade constituir um lugar de força, naturalmente que instável por definição, para os narradores machadianos.

O quarto e último capítulo reivindica que podemos encontrar ressonâncias do sublime romântico, embora não apenas deste, na obra madura do Bruxo do Cosme Velho. Perscrutando as diversas versões do sublime em momentos-chave das obras de Machado, o autor discute questões como o poder, a tensão entre o universal e o particular, os ritos domésticos e a política.

O desfecho do livro mostra que a serenidade e a fúria são transpostas para o âmbito da própria escrita machadiana, na confluência tão rica quanto tortuosa da ironia e do sublime românticos, numa tensão entre a sobriedade clássica e o subjetivismo romântico.

Ao pensar a apropriação machadiana da ironia e do sublime românticos em toda a radicalidade de suas consequências, expondo aquilo que há de pulsante e contraditório em seu romantismo, *Serenidade e fúria: o sublime assismachadiano* mostra-se capaz de consolidar terreno e abrir novas perspectivas para os estudos da obra de Machado de Assis.

Vitor Cei

Doutorando em Literatura Comparada pela
Universidade Federal de Minas Gerais